



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

STÉFANY CRISTINE SILVA ARAÚJO

A MÚSICA COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO NA CLÍNICA GESTÁLTICA

ARIQUEMES - RO

2021

STÉFANY CRISTINE SILVA ARAÚJO

A MÚSICA COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Profa Orientadora: Ma. Natalí Máximo dos Reis

ARIQUEMES - RO

2021

STÉFANY CRISTINE SILVA ARAÚJO

A MÚSICA COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Orientadora Ma. Natalí Máximo dos Reis
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Profa. Ma. Jessica de Sousa Vale
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Profa. Esp. Kátiuscia Carvalho de Santana
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 25 de nov.de 2021.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663m Araújo, Stéfany Cristine Silva.
A música como recurso psicoterapêutico na clínica gestáltica.
/ Stéfany Cristine Silva Araújo. Ariquemes, RO: Faculdade de
Educação e Meio Ambiente, 2021.
36 f.
Orientador: Prof. Ms. Natalí Máximo dos Reis.
Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Psicologia –
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes RO, 2021.

1. Música. 2. Psicologia. 3. Intervenção psicológica. 4. Clínica
Gestáltica. 5. Musicoterapia. I. Título. II. Reis, Natalí Máximo dos.

CDD 150

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus dois anjos no céu, que apesar da saudade, são minha inspiração e força para continuar, minha mãe, meu maior amor, e minha cunhada Andressa, minha estrelinha linda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por seu imenso amor, por ter me dado forças e me ajudado até aqui. Em seguida agradeço aos principais responsáveis pela conclusão desse projeto, minha professora e orientadora Natalí, que sem ela nada disso seria possível, uma profissional admirável e um ser humano lindo e encantador, obrigada pela dedicação, compreensão, paciência principalmente, e por não ter desistido de mim, e do meu projeto. Agradeço a todos da minha família que me apoiaram especialmente a minha mãe, Eliana Pereira da Silva, que sempre acreditou em mim, e no meu sonho, sempre me encorajou, e inspirou a correr atrás do que eu queria, e pode acompanhar metade do meu processo, onde me deu todo suporte e força que eu precisei, e embora não esteja mais aqui hoje fisicamente, seu legado e seus ensinamentos seguem comigo aonde eu for, e será um prazer concluir tudo que planejei ao seu lado, como forma de honra e agradecimento por tanto. Agradeço ao meu irmão, que chamo de “Netinho”, por ser a minha família, meu parceiro da vida para sempre, e me apoiar nessa caminhada. Agradeço a minha Tia Edna, irmã da minha mãe que sempre foi de certa forma uma mãe para mim, o que se concretizou quando minha mãe não pode mais estar presente, obrigada tia, sem a senhora eu não conseguiria terminar a graduação, obrigada por todo apoio, suporte e carinho que sempre me deu. Agradeço aos meus avós, maternos, minha vó Fátima, meu avô Enir que lutou e sempre me apoiou até o fim, carrego eternamente comigo. A minha avó paterna Vó Maria, que também sempre me incentiva e cuida de mim. Agradeço a minha namorada, Jayne Gomes de Lima que esteve comigo desde o início desse

processo me ajudando e se fazendo presente sempre que precisei, sem ela tudo seria mais difícil, o seu amor me trouxe forças para continuar. Agradeço a minha irmãzinha Gabi, que nasceu no meio de todo esse processo, o que me motiva a ser alguém melhor para inspirá-la. Agradeço a minha eterna cunhada, Andressa Gomes de Lima, que sempre será minha família, de certa forma uma irmã, uma amiga especial, que enche meu coração de saudade, amor e inspiração. Agradeço aos meus colegas de classe, desde aqueles que não vão concluir juntamente comigo, a aqueles que entram depois, especialmente ao meu “grupo de apoio”, Juliana Quimas, Ana Paula, em especial a Glenda, e o Adriano meus melhores amigos, agradeço as amigas, Jéssica (Neguinha), Alexandrina, Giovanna, aos meus amigos do trabalho, Taiane e Lenilda, todos eles que sempre estiveram comigo, em todos os momentos, que se alegraram com as minhas conquistas e fizeram parte delas. Agradeço ao meu amigo mais antigo, Thalyn, que está comigo há um bom tempo, que sempre me ajudou e apoiou em toda minha caminhada. Não posso deixar de agradecer os responsáveis pela minha formação, meus queridos professores, alguns se fizeram especiais nessa caminhada, como a Carla Patrícia Rambo, Eliane Azevedo, Ana Claudia Yamashiro Arantes, Natali Máximo, Fabiula, Hans Muller, Pedro Octávio e Tainna Oliveira. Dentre esses, a minha à banca examinadora: Jéssica Vale, Katiúscia, e Yessica. a minha sincera gratidão e admiração. Não posso deixar de agradecer minhas psicólogas, que me auxiliaram a ressignificar questões, caminharam comigo, nos meus processos mais difíceis, me ajudando a elaborar. Primeiro a Salohana Oliveira, que esteve comigo por algum tempo e por motivos de muita alegria encerramos nosso processo, e dei início a uma nova caminhada com a Gabriele Pacheco, que tem me inspirado desde então. A todos os meus mais sinceros e profundos agradecimentos, sem vocês isso não faria sentido.

RESUMO

A música exerce um poder de atração sobre o ser humano de maneira única, devido ao seu aspecto enigmático e a relação de força atrativa que seduz o ouvinte. Ela está estreitamente relacionada à linguagem, que é o instrumento de trabalho do psicólogo. O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar a utilização da música como um instrumento para auxiliar intervenções no processo saúde-doença em contexto clínico dentro da abordagem Gestalt-terapia. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que proporcionou a discussão do tema por meio de um levantamento de artigos publicados nas bases de dados Scielo, Pepsic, Biblioteca Virtual em Saúde e Google Acadêmico, além da consulta de livros físicos e virtuais. Os resultados indicam a vasta possibilidade de utilização da música como um recurso terapêutico na clínica gestáltica, como também necessidade de mais estudos e uma compreensão da música contemporânea para ampliar as possibilidades da utilização da música como um recurso terapêutico

Palavras-chaves: Música; Psicologia; Intervenção Psicológica.

ABSTRACT

Music exerts a power of attraction on human beings in a unique way, due to its enigmatic aspect and the attractive force relationship that seduces the listener. It is closely related to language, which is the psychologist's working tool. The objective of this research was to analyze the use of music as an instrument to assist interventions in the health-disease process in a clinical context within the Gestalt-therapy approach. Therefore, a bibliographic research was carried out, which provided the discussion of the topic through a survey of articles published in the Scielo, Pepsic, Virtual Health Library and Academic Google databases, in addition to consulting physical and virtual books. The results indicate the vast possibility of using music as a therapeutic resource in gestalt clinic, as well as the need for further studies and an understanding of contemporary music to expand the possibilities of using music as a therapeutic resource

Keywords: Music; Psychology; Psychological Intervention.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 METODOLOGIA	16
4 MÚSICA E PSICOLOGIA: UMA ARTICULAÇÃO TERAPÊUTICA POSSÍVEL	17
4.1 PANORAMA HISTÓRICO-CULTURAL DA APRECIÇÃO DA MÚSICA	17
4.2 IMPACTOS FISIOLÓGICOS DA MÚSICA	19
4.3 IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA MÚSICA	22
4.4 A MÚSICA COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO NA CLÍNICA GESTÁLTICA	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica que buscou analisar a utilização da música como um instrumento para auxiliar intervenções no processo saúde-doença em contexto clínico dentro da abordagem Gestalt-terapia. Tentar conceituar música, assim como toda arte, é um grande desafio. Dificilmente poderíamos colocar em palavras tudo o que ela expressa, representa e mobiliza. Contudo, como ponto de partida, podemos usar a definição do verbete no dicionário: música é a combinação harmoniosa e expressiva de sons e a arte de se exprimir por meio deles, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização etc (MÚSICA, 2021).

Música é uma forma de expressão humana (MARCONDES, 2019). Para citar algumas potencialidades dessa, podemos dizer que: consiste em um dos fatores que mais contribui para a integração social, estando presente em quase todas as reuniões de grupo: encontros de amigos, confraternizações, competições esportivas, etc; pode provocar memórias afetivas através da melodia que ecoa e regenera emoções; possui uma gama mais ampla de representações neuropsicológicas do que qualquer outra arte, e pode obter diretamente emoção, controle de impulso, sentimentos e motivações; pode estimular a memória não verbal por meio de áreas de associação secundárias que permitem o acesso direto ao sistema de percepção integrado associado às áreas relevantes para onde o cérebro converge, que unifica os vários sentidos (SACKS, 2010).

Ademais, já foram observados os benefícios da música para pacientes com dor; alivia a ansiedade pré-operatória em crianças; atua no sistema nervoso autônomo; reduz a frequência cardíaca, pressão arterial e dor pós-operatória; reduz a confusão em pacientes submetidos a cirurgias, idosos em condições sensíveis e delírio; ajuda a reduzir transtornos de humor em pacientes recebendo quimioterapia; e a restabelecer as funções físicas prejudicadas por acidentes traumáticos ou AVC (TODRES, 2006).

Várias teorias em Psicologia indicam que a música tem a potencialidade de influenciar os indivíduos. No campo da neuropsicologia, por exemplo, averiguou-se que a música pode proporcionar mudanças nas ondas cerebrais (SACKS, 2010), bem

como causar sentimentos e intensificar atividade no hemisfério direito do cérebro que é responsável pela criatividade, reconhecimento de padrões e sentimentos (ASHTON, 2010).

Nas teorias psicológicas histórico-culturais, por sua vez, um dos constructos mais investigados é a linguagem, por constituir o sujeito, defini-lo enquanto humano e o distingui-lo dos animais. É inconteste que a música é uma forma de linguagem, e conseqüentemente ela também faz parte da definição da humanidade, já que toda língua tem uma musicalidade que lhe é própria (ASHTON, 2010).

A linguagem é também o instrumento de trabalho do psicólogo. Esta monografia buscou investigar a articulação entre esses dois campos: música e psicologia. Esta articulação pode resultar em inúmeras possibilidades. Interessou-nos, entretanto, analisar a utilização da música como um instrumento de auxílio em intervenções no processo saúde-doença em contexto clínico na perspectiva gestáltica.

Embora existam poucos trabalhos que discutam acerca da utilização da música como um recurso terapêutico sob a ótica da teoria da Gestalt, acreditamos que esta é uma articulação possível e fértil. O fundamento da teoria da Gestalt determina que, ao perceber os estímulos, o sujeito configura sua forma por meio do agrupamento de componentes e padrões de organização interna da força. Da mesma forma, pode-se entender que elementos musicais também se configuram por meio de relações internas e se organizam no tempo e no espaço. Essas relações são estabelecidas por parâmetros como textura, densidade, dinâmica, desenvolvimento da motivação, harmonia, melodia e frases. Esses parâmetros podem ser compreendidos conforme as características do princípio constitutivo da Gestalt de organização da forma perceptual.

A temática da pesquisa abarca assuntos que sempre foram paixões da pesquisadora: psicologia, música e a compreensão da sociedade. Para além da relevância pessoal, o estudo também possui relevância acadêmica e social, por relacionar os atributos da música com os conhecimentos da psicologia, o que pode proporcionar subsídios para futuros estudos e intervenções terapêuticas. Embora pouco difundidos, já existem tratamentos psicológicos com música; este trabalho pode contribuir para a expansão dos conhecimentos desse universo pouco explorado.

O trabalho está estruturado na seguinte organização: na primeira seção são apresentados brevemente alguns aspectos significativos da música, fazendo uma

discussão sobre a experiência musical em determinadas épocas e culturas; na segunda seção são apresentadas reflexões sobre os impactos fisiológicos da música; na terceira seção trata acerca dos impactos psicológicos da música, por fim, relata-se a música como recurso psicoterapêutico na clínica gestáltica.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a utilização da música como um instrumento para auxiliar intervenções no processo saúde-doença em contexto clínico na perspectiva da Gestalt-terapia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a conexão do fenômeno da música e as interações sensoriais e subjetivas.
- Compreender a linguagem musical como um meio para a expressão de experiências, memórias, identificações, favorecendo a *awareness*.
- Apresentar como a música pode influenciar comportamentos, favorecer processos de resiliência e reabilitação psicossocial.

3 METODOLOGIA

Esse estudo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, construída através de pesquisas em livros, artigos, jornais, teses, além de documentos encontrados em bases como o Scientific Electronic Library Online – SciELO, Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PePSIC e Google Acadêmico. A pesquisa bibliográfica é construída com base em materiais já existentes, como livros e artigos científicos, com isso uma considerável quantidade de estudos exploratórios configura-se como pesquisas bibliográficas (GIL, 2002).

Pizzani et al. (2012) compreende como pesquisa bibliográfica a revisão de literatura, chamada também de levantamento bibliográfico, isto é, as principais teorias que norteiam o estudo científico, o qual pode ser encontrado em periódicos, artigos de jornais, livros, sites de internet e outras fontes.

Para cumprir os critérios estabelecidos para a construção do trabalho, as palavras-chave utilizadas no levantamento foram: música, psicologia, Gestalt-terapia e música como recurso. Pesquisando os documentos incluindo artigos de revistas, jornais eletrônicos, teses, entre outros com os descritores acima, dentre eles em língua portuguesa, inglesa e espanhol. Na seleção de materiais foram incluídos aqueles que se relacionassem à temática investigada, a utilização da música como um instrumento para auxiliar intervenções no processo saúde-doença em contexto clínico da Gestalt-terapia. Foram descartados aqueles cujas discussões se afastavam do objetivo proposto para a revisão. Sendo assim, a seleção contemplada nesta pesquisa contou com 41 dos documentos selecionados. Os materiais estão datados entre 1966 a 2020, além de obras clássicas sobre o tema. A avaliação dos artigos selecionados realizou-se em três fases: leitura de resumos, leitura sistemática dos textos e preparação de fichas de leitura.

Gil (2002) entende que uma das principais vantagens da pesquisa bibliográfica é permitir que o investigador esteja exposto a uma ampla gama de materiais, algo importante quando a pesquisa exige variados dados dispersos no espaço. A revisão bibliográfica também é importante para estudos históricos, sendo uma forma indispensável de conhecer dados passados.

4 MÚSICA E PSICOLOGIA: UMA ARTICULAÇÃO TERAPÊUTICA POSSÍVEL

4.1 PANORAMA HISTÓRICO-CULTURAL DA APRECIÇÃO DA MÚSICA

Este capítulo inicial será dedicado a relatar sobre alguns apontamentos acerca do contexto histórico-cultural da música. O termo música deriva do grego *μουσική τέχνη* - *musiké téchne*, que significa arte das musas, relativa à toda cultura do espírito e condução da cultura do corpo. Partindo do ponto de vista ocidental, ela irá possuir a definição do dicionário, que seria a arte dos sons associados, em ritmo, intensidade e altura, sons que agradam ao ouvido. Portanto é possível dizer que ela é um fenômeno humano (BRANDÃO, 1997).

A música é uma forma de linguagem universal presente em todas as culturas; é desconhecida alguma cultura humana que não tenha criado algo que é considerado música. Foram encontrados instrumentos musicais antigos, como pinturas em cavernas. A humanidade tem uma longa relação com a música, desde os tempos pré-históricos as pessoas começaram a desenvolver ações baseadas nos sons da natureza, trovões, comunicação entre animais, árvores balançando ao vento, morteiros e até mesmo um batimento cardíaco. Também influencia a exploração dos sons produzidos pelo corpo humano, como o som de palmas e pés tocando o solo (BRANDÃO, 1997).

Na Grécia Antiga, a cultura da música era considerada a ligação entre os homens e os deuses. Era uma maneira de contatar as divindades, sendo considerado música tudo que pertencia ou dependia das musas. As musas intervenham nos banquetes e encantavam os deuses do olimpo com seus coros e danças, estavam presentes também no pensamento sobre todas as suas formas, eloquência, persuasão, sabedoria, história, matemática e astronomia. E também favoreciam o apaziguamento de desacordos e o restabelecimento da paz no meio deles (PORTUGAL, 2017)

Consoante Monro (2012, p. 20):

Na Grécia antiga, haviam certos tipos ou formas de música, as quais eram conhecidas por nomes de nações ou tribos (Dóricos, Jônios, Frígios, Lídios, etc.), cada uma dessas era acreditada ser capaz não somente de expressar emoções particulares, mas de agir sobre a sensibilidade de tal maneira a exercer uma influência poderosa e específica na formação do caráter. Consequentemente, a escolha dentre essa variedade de formas musicais daquelas que deveriam ser admitidas na educação do estado era a questão

da mais séria preocupação (MONRO, 2012, p.20).

Isto permite inferir sobre o papel da música para a sociedade da Grécia antiga, que representava um fenômeno sagrado, relacionado à magia e mitologia, e a música era parte integral de como os gregos surgiram e continuam a ser regidos pelos deuses. Atribui-se à Pitágoras a ideia de que havia, como padrão de fundo do universo, a música das esferas, um acorde sublime, com notas reproduzidas pelos astros nos seus movimentos em torno da terra e a distância entre os planetas correspondem à projeção dos intervalos musicais. Os pitagóricos matemáticos estão entre os primeiros teóricos que estabeleceram as leis da harmonia musical enquanto procuravam traduzir os segredos do universo (BENNETT,1986).

Desde a antiguidade já se procurava explicar a criação do prazer musical de maneira objetiva através de números, elaborações matemáticas e filosóficas; entretanto, um lado subjetivo sempre foi reconhecido. Ou seja, algo que não poderia ser explicado objetivamente e tampouco pela razão. (BENNETT,1986).

No Egito antigo, a música era muito presente e configurava um importante elemento religioso. Era empregada nos rituais sagrados para a agricultura, por meio das harpas, flautas e instrumentos de percussão. Na Ásia, a atividade musical prosperou na Índia e na China. Nessas regiões a cítara, um instrumento de corda derivado da lira, era relacionado à espiritualidade. No continente americano, as tribos indígenas empregavam cantos e danças para curar os enfermos (BENNETT,1986).

No século XIX, Philippe Phinel, o médico fundador da psiquiatria francesa, iniciou o trato moral nas casas de repouso, incluindo música, que deveria ser "harmoniosa". Alguns pesquisadores registram que os psiquiatras elogiavam ou criticavam os resultados obtidos por meio do tratamento com música. Em 1880, com o desenvolvimento da psiquiatria e da neurologia e com base nos efeitos neurofisiológicos da música, surgiu a esperança de apoiar cientificamente a musicoterapia. A frustração de criar uma farmacopeia musical reduziu o uso da música na psiquiatria. Com o advento da psicanálise, o desenvolvimento do uso da música como terapia foi interrompido (SILVA, 2009).

Entretanto, a partir do século XX com o aumento da compreensão acerca do sistema nervoso, a musicoterapia começa a ter fundamentação científica. O método foi utilizado nos hospitais militares da Segunda Guerra Mundial, para ajudar na

recuperação de soldados diagnosticados com traumatismo cranioencefálico e com transtorno de estresse pós-traumático.

Esta breve contextualização histórico-cultural permitiu compreender que sempre houve espaço para a apreciação da música nas sociedades e nas culturas da humanidade. E que são diversas as suas utilizações como forma de expressão humana.

Deste modo, é possível perceber a influência da música na essência do indivíduo, em todos os seus âmbitos, pois está estritamente ligada às reações físicas e biológicas.

4.2 IMPACTOS FISIOLÓGICOS DA MÚSICA

Ouvir música envolve a conversão de estímulos sonoros em fenômenos elétricos e químicos, que são os únicos fenômenos que podem circular no cérebro. O ouvido recebe o som e faz o tímpano vibrar. Os fenômenos fisiológicos começam a ser gerados pelas vias do nervo auditivo, devido à intervenção de vários agentes cerebrais; as vias do nervo auditivo mudam suas propriedades físicas e químicas até atingirem a estrutura central e perceberem os sons musicais de forma consciente ou inconsciente (DELGADO, 2000).

A música tem um impacto pelo corpo porque viaja pelo ar através de ondas de pressão molecular que o corpo pode sentir (MCCLELLAN, 1994, P. 143).

Mudanças na frequência cardíaca e na pulsação causadas pela música têm resultados diferentes (e até contraditórios), dependendo do experimento realizado. Entre os achados de Poch Blasco, (1999), verificou-se que: a) a música estimulante aumenta a FC (frequência cardíaca) e PF (frequência de pulso), enquanto a música calma os reduz; b) qualquer música calma ou estimulante aumenta a FC e PF; c) música calma e estimulante faz com que ocorram alterações de FC e FP, mas essas alterações não são significativas; d) a música não tem efeito sobre CF e FP; e) as mudanças de FC são relacionadas ao tom e à complexidade dos elementos musicais da composição. A diminuição da FC está relacionada ao conflito musical, que se caracteriza por andamento lento, andamento final lento e movimento harmônico. FC acelera quando o andamento fica mais rápido e desacelera quando o som e o andamento ficam mais lentos.

Leinig (1977) descobriu que a causa das flutuações da taxa de pulso pode ser causada por estímulos musicais, ou seja, as emoções despertadas pelo ouvinte. O debate existente sobre as mudanças na respiração pressupõe que a música estimulada aumenta a respiração, a música calma diminui; qualquer música tende a aumentar a respiração; e a música alegre tende a aumentar a respiração (POCH BLASCO, 1999).

McClellan (1994) descreve que todas as pesquisas sobre a influência da música na respiração concluíram que sua velocidade aumentou, e a mudança no ritmo era a causa do aumento da taxa de respiração. Isso porque a emoção desencadeada pela música é difícil de medir. Só é possível medir se a música é ou não emocional, mas isso pode estar relacionado às preferências musicais do ouvinte. Alguns argumentos relacionados à resposta galvânica da pele são: música estimulante e calmante produzem efeitos diferentes; existe uma relação significativa entre a preferência musical e os resultados; vários elementos da música, como o tom, melodia e ritmo afetam a resposta elétrica da pele.

Em relação às respostas musculares e motoras, Poch Blasco, (1999) argumentou sobre o fenômeno da recuperação, ou seja, quando as pupilas estão dilatadas devido à exposição à luz, a música pode restaurar o tamanho natural das pupilas. Isso não acontecerá com estímulos tonais, mas com estímulos psicológicos, ou seja, estímulos sonoros que são significativos para as pessoas. A música estimulante causa dilatação da pupila (POCH BLASCO, 1999).

Muito mais que estimulante, a música produz fortes contrações peristálticas no estômago. Música calma é boa para a digestão e música estimulante pode causar indigestão. Os pesquisadores provaram que a música tem efeito sobre as glândulas endócrinas, fazendo com que as secreções sanguíneas aumentem ou diminuam. Portanto, dependendo do tipo de música (estimulante ou calmante) pode causar espasmo estomacal e pilórico, levando à indigestão. Da mesma forma, ruídos inesperados e sons ásperos podem interferir no ritmo do estômago e dificultar a digestão (POCH BLASCO, 1999).

Leinig (2008) cita sobre o estudo dos efeitos da música sobre o metabolismo. A maioria dos autores acredita que o efeito físico da música nas funções orgânicas deve depender de seu efeito no cérebro e, portanto, afetar o sistema nervoso autônomo que monitora as atividades de vários órgãos.

A música torna a dor mais resistente. Esta aplicação é importante na anestesiologia, ginecologia, odontologia, etc., ou seja, em qualquer circunstância onde haja dor física ou moral. (Silva, 2009). Por atuar no sistema nervoso central, a música pode causar sedação ou estimulação, dependendo se o ouvinte gosta de música e está em um ambiente pessoal e adequado (POCH BLASCO, 1999).

Segundo Leing, (1977) em seus achados acerca dos efeitos da música na força muscular, a estimulação de som agradável geralmente determina o aumento da força muscular, enquanto o som desagradável leva a uma diminuição da força muscular. Os experimentos realizados por Sears com o auxílio da eletromiografia e os experimentos conduzidos por Brickman e Stevens, por meio da observação da atividade física, concluíram que a música pode aumentar a atividade muscular (POCH BLASCO, 1999).

A música pode estimular imagens cinestésicas (Sekeff, 2007). Mesmo sem ouvir, simplesmente por imaginar, ela vai estimular o córtex motor (Zatorre apud Sacks, 2007). A música calma tem um efeito relaxante em pessoas com ou sem certas patologias, como paralisia cerebral e autismo (SCHENEIDER apud POUCH BLASCO, 1999).

Estudos mostraram que não existe um hemisfério específico para o processamento musical (Altenmuller apud Queiroz, 2003). A análise de padrão, sequência e ritmo durante um período de tempo estão localizados no hemisfério esquerdo, enquanto a harmonia, a análise de padrão momentânea e a sincronização musical estão localizadas no hemisfério direito (Borchgrevink, 1990). Ao usar os dois hemisférios cerebrais para um único evento musical, o corpo caloso é acionado, então a música contribui para a plasticidade do cérebro:

a partir do modo como o cérebro organiza-se para processar a música, a musicalidade parece ser uma função integradora, uma função que coordena outras funções ou que as enriquece e, ainda, uma função capaz de colocar o meio cerebral em movimento, em fluxo, pois para processar a música formam-se diversas cadeias neurais e ativam-se diferentes centros trabalhando em conjunto (QUEIROZ, 2003, p.33).

Para além dos efeitos calmantes e estimulantes, seu impacto dependerá da memória, das emoções, das preferências do público e das emoções momentâneas. Por outro lado, algumas pessoas acreditam que a própria música possui atributos, ou seja, a música provoca reações por meio de seus próprios elementos. Concordamos

com Moura Costa (1989) e Barcellos (1992a), que acreditam que o valor terapêutico da música reside na sua qualidade musical, ou seja, na sua própria natureza polissêmica (BARCELLOS e SANTOS, 1996), não apenas nela produzido em humanos.

4.3 IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA MÚSICA

Quando se ouve uma música, o som passa pelo sistema nervoso central e quando chega no cérebro se distribui tanto para parte da audição quanto para visão, nos quais ocorrem as lembranças e outros estímulos (Explicando, 2020). Isto se dá porque há um processo no qual o som é recebido pelos ouvidos, convertido em impulsos e viajado ao longo do nervo auditivo até o tálamo, que é o centro das emoções, sensações e sensações (McClellan, 1994, p. 143).

A neurociência concebe os sentimentos e as emoções como percepções diretas do nosso estado e o corpo permite a conexão entre o corpo e a consciência. Segundo Damásio (2000, p. 56), “a emoção humana, em seu refinamento, é desencadeada até mesmo por uma música [...], cujo poder nunca devemos subestimar”. Portanto, ao captarmos as vibrações das ondas sonoras, estímulos nervosos chegam ao nosso cérebro que decodifica e traduz a mensagem. Esta pode suscitar emoções como alegria, tristeza e saudade.

Assim, podemos afirmar que a música afeta emocionalmente o indivíduo, “porque cria um ambiente emocional no qual é reagido em um nível subconsciente e não verbal” (McClellan, 1994, p. 143). As emoções causadas pela música vêm de dentro e a maneira como se reage ao ouvir música depende da familiaridade com ela, bem como com outros detalhes que interferem na escuta da música, como se sentir confortável no momento, associações passadas e gostos pessoais.

Além disso, verificou-se que, se o ouvinte estiver absorto na música, essa pode desencadear emoções correspondentes. Em outras palavras, se a música desperta uma emoção, essa pode estar relacionada à própria estrutura da música. Sekeff (2007, p.66) trata das emoções estéticas causadas pela música, a qual baseia-se na sensibilidade especial do indivíduo ao valor do som, transcende a experiência sensorial pura e se fundamenta em uma maior discriminação intelectual.

A conceitualidade e indutividade são duas características psicológicas da música apresentadas por Sekeff (2007, p. 32 e 33). A conceitualidade da música

permite muitas pessoas lerem música, “ela nunca diz nada”. Essa característica conceitual cria uma lacuna na escuta, “acaba por facultar associação, evocação e integração de experiências, entende-se quão rica é sua natureza psicológica”.

Com relação à segunda característica, a música induz atividades motoras, emocionais e intelectuais devido aos seus elementos constituintes, ritmo, melodia, harmonia e timbre. O ritmo tem um efeito físico e psicológico. Por meio de um ritmo, “uma resposta inconsciente automática pode ser regulada no nível subcortical, no nível do próprio tálamo” (2007, p. 44). O efeito psicológico está relacionado com a intensidade do ritmo, seja forte ou fraco, intenso ou menos intenso. A melodia, por meio da sequência de tons, está associada à consciência emocional. Harmonia inclui aspectos sensoriais, quando o ouvido interno percebe a simultaneidade dos sons; aspecto afetivo, na relação entre os sons que formam acordes por meio da consonância e dissonância, tensão e relaxamento; psicologicamente, porque a análise é necessária para estabelecer a relação entre os sons. O timbre é benéfico para a resposta talâmica de homens e animais, que “são aquelas sensações que não necessitam de interpretação pelas funções superiores do cérebro” (SEKEFF, 2007, p. 48).

Para além da dimensão neuropsicológica, os impactos psicológicos da música também podem ser observados na construção do corporal e do simbólico do ser humano. Segundo Francis Wolff, a música seria o triunfo da humanidade sobre a animalidade e ali onde a humanidade procura se exprimir. Se faz tão significativa quanto a voz dos pais no começo da vida psíquica, fazendo com que seja recordado momentos arcaicos de seu desenvolvimento, atraindo a entrar em contato com o outro e suas respectivas diferenças (EXPLICANDO, 2020).

O termo *musicalidade* está intimamente ligado à condição humana de linguagem, o que compreenderia, a inspiração da constituição psíquica até a dinâmica complexa do enlaçamento social. Sendo uma possibilidade elaboradora de uma força psíquica que pode expressar de forma musical o mundo e o existir. Pode ser então compreendida como uma forma de desenvolvimento de subjetivação, um devir, que possibilita o processo de sublimação, de um desenvolvimento criativo baseada na *falta-à-ser*, onde independente da formação musical, se assemelha a constituição do ser humano na formação de uma exigência psíquica e criativa. (TAVARES, 2021).

Crianças que têm acesso à musicalidade, possuem uma percepção auditiva diferenciada das demais. Uma vez que a percepção auditiva acontece antes do

desenvolvimento da linguagem, portanto quando a criança é exposta a música desde cedo, pode desenvolver tanto a linguagem, quanto a cognição com mais facilidade.

Ademais, qualquer atividade musical, seja compor, tocar um instrumento ou ouvir música, envolve dois hemisférios do cérebro, portanto, equilibra os dois aspectos do processo mental (McClellan, 1994). A música ajuda a cultivar a concentração. Michel (apud Poch Blasco, 1999, p.73) firma que a música "é a arte do tempo", tal como quem somos e o que queremos ser ao mesmo tempo. Esse efeito da música é muito importante no tratamento de pessoas com transtornos psicológicos, como forma de trazê-los de volta à realidade ou permanecer na realidade (Poch Blasco, 1999). A força da atenção estimulada pela música foi prolongada em indivíduos que tendiam a ser "por períodos mais longos de tempo do que a eliciada por certas drogas" (Sekeff, 2007, p. 119). A música estimula a criatividade (Sekeff, 2007) ao estimular os neurônios e a atmosfera emocional que pode criar (Poch Blasco, 1999). A criatividade depende da flexibilidade, fluência e originalidade, três características encontradas na música (GUILFORD apud POCH BLASCO, 1999).

A música promove a memória e estimula a inteligência (Sekeff, 2007). O prazer musical se mostra devido ao fato de ela pode ativar um grande número de segmentos da memória (Poch Blasco, 1999). A estimulação da inteligência ocorre "tanto no domínio do cérebro-racional (neocórtex) quanto do cérebro-emocional e do cérebro-sentimental (sistema límbico), todos constitutivos do córtex, embora exerçam funções diferentes" (SEKEFF, 2007, p. 122).

Sobre a memória, Sacks (2007) salienta:

Quando "lembramos" uma melodia, ela toca em nossa mente, revive. Não ocorre um processo de evocar, imaginar, montar, recategorizar, como quando tentamos reconstruir ou lembrar um evento ou cena do passado. Lembramos uma nota por nota, e cada nota preenche totalmente a nossa consciência, mas ao mesmo tempo se relaciona com o todo (p. 207-8).

No que diz respeito a música e doenças mentais Sacks (2007) comenta acerca da musicoterapia e dos efeitos provocados pela música:

... a musicoterapia com esses pacientes é possível porque a percepção, a sensibilidade, a emoção e a memória para a música podem sobreviver até muito tempo depois de todas as outras formas de memória terem desaparecido (...) para pessoas com demência, porém, a música pode ter efeitos mais duradouros – melhora do humor, do comportamento e até da função cognitiva, que persistem por horas ou dias depois de terem sido desencadeados pela música (p. 321; 328).

A música é uma ferramenta de educação. Gardner (1994) descreveu a inteligência musical juntamente com a inteligência lógica e matemática como um dos tipos de inteligência; linguística; corpo cinestésico; espaço; relações interpessoais e naturalismo. Segundo Sekeff (2007, p. 169):

a habilidade adquirida na escuta e no fazer musical amplia a capacidade de cognição do educando, alimenta mudanças no seu potencial perceptivo, além do que o exercício da música e o canto em conjunto possibilitam acessar aquela parte do cérebro que funciona criativa e intuitivamente, favorecendo novas formas de sentir, pensar, de expressar.

A influência da música nas emoções pode ser explicada em parte porque a música é um instrumento terapêutico muito poderoso no processo de cura (McCLELLAN, 1994, p. 151).

Sendo assim ela se apresenta como um excelente recurso no setting terapêutico, em especial da Gestalt-terapia, por ser uma abordagem

4.4 A MÚSICA COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO NA CLÍNICA GESTÁLTICA

A Gestalt terapia, criada por Fritz Perls, também conhecida como terapia do contato, tem como prática a forma de abordagem centralizada no trabalho com o cliente. Por meio dela, os clientes podem se concentrar no presente, no aqui e agora. A experiência que pertence ao presente será sentida por meio da reconstituição.

Inspirada pelo existencialismo, fenomenologia, teoria do campo de Lewin e outras filosofias, a Gestalt-terapia propõe uma sugestão de psicoterapia mais "poética". É considerada uma tendência filosófica existencial, onde o indivíduo tem o objetivo de dominar a "arte de viver".

É um método de tratamento baseado na fenomenologia, onde seu objetivo e metodologia estão integrados com a consciência, é também baseado no existencialismo dialógico, na qual sua visão de mundo é sustentada pelo holismo e pela teoria do campo, focando no momento atual (tempo) e espaço (ambiente), que são os conceitos básicos do atendimento dentro dessa abordagem, na intenção de construir a compreensão e maturidade humana. Portanto, não é o terapeuta quem resolve ou ameniza o problema, mas orienta o paciente a aceitar e assumir a responsabilidade. O terapeuta age como um facilitador no estabelecimento dos contatos e da *awareness* (consciência), pois o contato é o que possibilita o encontro,

portanto, é uma parte importante da relação terapêutica. (RIBEIRO, 2007a). É por meio da *awareness* que as transformações e contatos necessários para o desenvolvimento do cliente são possíveis.

Nesse método, o indivíduo é considerado como um todo, ou seja, o todo é mais que a soma de suas partes. As emoções, percepções e comportamentos do indivíduo se unem para formar sua personalidade e separar personalidades únicas e distintas de diferentes partes. A fundamentação central da sólida base conceitual e epistemológica da GT é a consideração da interação, da integração e sua totalidade.

Os conceitos básicos da Gestalt são a filosofia e a estética”, afirmou Laura Perls (1992, p.149). Fritz, Laura e Paul Goodman são os responsáveis pela formulação da Gestalt-terapia, que está fortemente enraizada na estética, com foco na essência da arte, e métodos de pensamento psicológico (Miller, 1980). Gestalt terapia foi concebida por pensadores e clínicos envolvidos em disciplinas artísticas como literatura, música, dança e teatro (ALVIM, 2006).

Com base nisso a música pode ser utilizada como uma forma dialógica de se relacionar, utilizando como instrumento do autoconhecimento, de experimentar, construir o self, e estabelecer contatos.

Usar a experiência musical é uma intervenção que ajuda a promover a saúde mental. Da mesma forma que a respiração, a música e outras formas de tecnologia sonora têm sido usadas há milênios como poderosos instrumentos de alteração da mente (GROF, 1997). A música é, na verdade, uma das maneiras mais rápidas e eficazes de promover o equilíbrio da fisiologia humana e do estado emocional, trazendo assim saúde física e mental. Em sua estrutura, como um discurso sem palavras, possui a vantagem de neutralizar o sentido de impulsionar o sujeito, possibilitando que ele se insira no domínio do outro e estabeleça conexões sociais.

Existem alguns recursos específicos, como a musicoterapia, que refere-se a uma atividade realizada por profissionais qualificados: o terapeuta musical. Portanto, práticas que fazem o uso da música realizada por profissionais da saúde não se denomina como um musicoterapeuta, diz respeito a utilização da música como um recurso em sua atuação.

Portanto o uso da música no setor de saúde não é uma prática exclusiva dos musicoterapeutas. Outros profissionais de saúde - médicos, dentistas, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, enfermeiros, dentre outros - também utilizam a música como um recurso em suas atuações, tendo

em vista que “a música afeta as necessidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais de indivíduos de todas as idades” (TODRES, 2006, p. 166).

Pimentel *et al.* (2005) realizaram pesquisas na área da psicologia, com o objetivo de encontrar fatores que possam explicar a adesão a um ou outro estilo musical e sua influência no comportamento humano, mais especificamente, para investigar se os estilos musicais estão relacionados ao comportamento antissocial e atitudes em relação aos jovens que fumam maconha. Mcnamara & Ballard (apud Pimentel *et al.*, 2005) seguiram a mesma linha de pensamento, tentando estabelecer a relação entre aspectos fisiológicos, preferências musicais e comportamento. De acordo com o autor, os adolescentes do sexo masculino preferem músicas emocionantes, como rap e heavy metal, porque essas músicas causam excitação fisiológica e passam na verificação da pressão arterial. Essa excitação está relacionada à busca sensorial e ao comportamento antissocial. Pimentel *et al.* (2005) observaram o fato de não haver uma resposta clara entre comportamento antissocial e preferência musical, mas suas pesquisas ajudam a compreender esse fenômeno. Eles concluíram que estilos musicais como, heavy metal, rock, punk e rap, que o autor chama de preferências musicais não convencionais, e comportamento antissocial e uma atitude positiva em relação ao uso da maconha.

Considerando que a estrutura da música é formada pela mudança ou continuação de certos padrões motivacionais, os elementos estruturais da composição podem ser delineados aplicando-se o princípio da Gestalt, a fim de ampliar o campo perceptível do som e da análise musical tradicional. Tal estrutura pode ser entendida como unidades de significado, elas se misturam e interagem em diferentes dimensões como um fenômeno único, apresenta muitas características ao mesmo tempo (Falcon, 2012). Sobre este ponto, Falcon (2012, p. 28) acrescentou que interpreta as características da inter-relação entre as dimensões sonoras e propõe uma visão musical contrária à polarização e atomização do ensino da teoria musical tradicional.

Segundo Benenzon (1988), a música é um recurso que melhor reflete a soma das partes do indivíduo, buscando a totalidade do corpo para se expressar. Ele acrescenta que sua função é abrir canais de comunicação consigo e com os outros e estabelecer um encontro que mobilize a expressão interna que existe dentro do cliente. Além disso, permite que a comunicação volte a um estado muito regressivo, facilitando a reformulação do aprendizado do cliente.

Andrès (2000) disse que a música se desenvolve mais rápido do que outras artes. Considerando o poder da música para desarmar as pessoas, tornando-as mais sensíveis, seu uso é de grande importância quando associado a outras formas de arte. Muitos arteterapeutas tocam música enquanto seus clientes criam, promovendo seu contato com os sentimentos, estimulam suas emoções, facilitando a projeção de seu mundo interior em suas obras de arte.

A Gestalt-terapia é uma abordagem, na qual a arte sempre foi muito valorizada, pela sua importância como ferramenta de sensibilização e contato, como veículo de promoção da *awareness* e pelo seu importante papel na vida dos principais autores da abordagem. Barbosa (2007, p.88) afirmou que

[...] não podemos deixar de considerar a estreita relação que a Gestalt-terapia possui com as artes como uma forte fonte de influência estética também. Tanto Fritz quanto Laura Perls sempre estiveram envolvidos com atividades artísticas – teatro, ópera, pintura, dança, música, literatura, etc. Sem dúvida, esse interesse comum por formas criativas de expressão muito contribui para que o desenvolvimento da abordagem fosse esteticamente enriquecido e adquirisse esse forte “parentesco” com a arte.

A Gestalt-terapia enfatiza muito a criatividade, o terapeuta deve intervir com autenticidade e orientar o cliente para interagir criativamente com a vida, os outros e o mundo, e quando esse fluxo de criatividade é bloqueado/obstruído surgem dificuldades e bloqueios de contato. Uma vez que a palavra “contato” é imprescindível na Gestalt-terapia. É o contato com coisas novas, pois contato com questões familiarizadas pelo indivíduo, não é considerado contato. O aqui e agora da relação traz sempre novos elementos, quando é apenas projetado o antigo na situação atual, se perde uma dimensão importante. O termo criatividade remete ao ajustamento criativo, e a *awareness*.

Em Gestalt-Terapia a criatividade é inerente aos processos da vida e possibilita ao sujeito novas formas de se relacionar com o mundo e de se reestruturar internamente.

A terapia criativa trata a pessoa como um meio para a arte. O terapeuta criativo vê o cliente em sua totalidade, maleável e rígido, brilhante e embotado, fluído e estático, detalhista e apaixonado. A Gestalt-terapia é na realidade uma permissão para ser criativo. A ferramenta metodológica é a base do experimento (...) O experimento se dirige ao cerne da resistência, transformando a rigidez em um suporte

elástico para o indivíduo. Não precisa ser pesado, sério, nem ter uma comprovação rigorosa: pode ser teatral, hilário, louco, transcendente, metafísico e engraçado. Os experimentos não precisam brotar de conceitos; podem começar simplesmente como brincadeiras e desencadear profundas revelações cognitivas (ZINKER,2007, p.32).

E como que o Gestalt-terapeuta pode utilizar a música, como um recurso para poder “criar” nesta relação?

Oaklander (1980) salienta que, de acordo com sua experiência, o uso da música trouxe resultados quando outras tentativas falharam. Segundo a autora, a experiência prazerosa proporcionada pela música, mesmo que como fundo, pode aumentar as áreas de atenção das crianças e aumentar sua tolerância à frustração, tensões internas e a medida em que a realidade se torna mais agradável, os fatores externos diminuem.

Para Costa (1989), o uso da música centra-se na diversão de tocar, ouvir e se mover, para clientes que evitam o mundo porque pensam que o mundo é frustrante, é aceitável supor que, para suas mudanças, é importante que comecem a perceber que o mundo pode ser agradável. Ele também acrescentou que a música liberta as pessoas dos constrangimentos da palavra e do discurso lógico e leva os ouvintes à terra dos sonhos, onde ele encontra seus desejos realizados e o pior pesadelo.

Compreende-se a relação terapêutica como uma relação paralela. Portanto, o terapeuta desempenha o papel de um artista nesse processo, ele é “uma pessoa que usa a inventividade para ajudar os outros a moldar suas vidas...” (ZINKER, 2007, p. 17).

Portanto, a música também pode ser usada para que as pessoas expressem seus sentimentos usando instrumentos musicais ou cantando para criar sua própria música. Nesse caso, o terapeuta deve se encontrar com o cliente em qualquer nível de maneira a aceitar sua expressão vocal e musical, por mais primitiva e sem criatividade que pareça ser. O objetivo é uma produção e organização sólidas. Mesmo no início, este som é produzido sem um objetivo consciente de comunicação, se a pessoa está tocando a si mesma e desfrutando do prazer de sua própria música, então a defesa contra a possibilidade de contato com os outros cairá ou enfraquecerá significativamente. Ao escutar e ser ouvido, começa uma forma instável de percepção dos outros e começa a se relacionar com os outros por meio da música. (COSTA, 1989.)

A inclusão de instrumentos musicais na clínica pode estimular a realização dos objetivos terapêuticos, o que também está relacionado a um melhor equilíbrio psicomotor, além de muitos aspectos de analogia com outras relações, como funções e contatos que se traduzem em diálogos de voz, formas especiais de não comunicação (Isolamento) e todos os aspectos ligados à realidade, como perceber estímulos e reagir a eles de forma relevante (awareness).

Os exercícios musicais fornecem reconhecimento das características de personalidade do cliente e ajudam a entender sua relação com certas coisas específicas, preparando melhor suas reações diante da vida. Além disso, a música pode entrar no departamento altamente protegido do indivíduo abrindo caminho para que o cliente fale sobre os momentos traumáticos em que não conseguiria falar de outra forma. (GREGORY, 1997)

O uso da música durante a terapia ajuda a desenvolver o potencial de contato (comunicação), awareness (percepção), introjeção e projeção (ação), como também da proflexão (comportamento) e contato final (perspectivas sociais), assim como auxilia no egotismo (satisfação), e na confluência, estabelecendo as conexões sensoriais, de movimento, inteligência, conexões musicais, treinamento social, a ativação e liberação de processos emocionais, a intensificação do senso de identidade, o desenvolvimento da fala e habilidade a linguagem, percepção e memória, autoconfiança e autodisciplina que são utilizadas para relaxamento e resolução de problemas. (COSTA, 1989; BENENZOM, 1988)

Por meio da música, o sujeito pode se diferenciar de um outro pelo ritmo, por um som produzido, pela forma de tocá-la, pela intensidade [...] O trabalho é voltado para a autopercepção e percepção do outro por meio do contato direto com a realidade ao compartilhar, terapeuta e cliente, o momento de fazer música (HOSPODAR, 2009, p.15).

Ele acrescenta, ainda, que a música resgata a capacidade criativa dos sujeitos através do uso dos instrumentos e essa criatividade é vivenciada pelo sujeito de forma espontânea. É o momento em que se aprende pela experimentação. É uma vivência, presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da música como recurso terapêutico é cada vez maior, principalmente para pessoas que sofrem de doenças esportivas ou que afetam a memória. A musicoterapia é considerada uma das formas mais rápidas e eficazes de promover o equilíbrio entre os estados fisiológicos e emocionais humanos, pois a musicoterapia estabelece a sincronização entre esses estados. Porém, a aplicação dessa prática requer conhecimentos e habilidades, para que além de proporcionar tratamentos, os indivíduos também possam obter saúde física e mental. No entanto, o uso da música não se limita apenas a práticas como a musicoterapia, ela também pode ser utilizada como um recurso terapêutico do profissional de saúde.

Ao fazer uso da música em um contexto clínico, é vital absorver os princípios básicos da bioética em relação ao respeito à dignidade humana, ao consentimento do paciente e à compreensão do que aconteceu antes, durante e depois de seu atendimento clínico.

Todos os profissionais devem respeitar seu relacionamento com os clientes. Essa relação pode ser mediada por meio da música, que parece ser o terceiro componente do ambiente clínico.

Como foi possível constatar ao longo deste trabalho, desde os primórdios da humanidade, a música esteve presente e tem diversos fins. A música, como elemento curativo, além de desempenhar outras funções, surge como uma prática milenar entre diferentes culturas.

O ser humano não é simplesmente um receptor passivo de estímulos sensoriais, tudo que é percebido, todas as figuras, e formas, demonstram que as percepções são ativadas de forma vividas e organizadas. Muitos dos pensamentos e maneiras de agir ou se comportar são produtos do que é percebido dia a dia no contexto geral, tudo incluído na Gestalt do sujeito.

A título de exemplo, sensação gustativa, olfato, visão e propriocepção dependem da integração de múltiplas impressões sensoriais ao mesmo tempo, como a memória de cheiros ou imagens após ouvir um determinado som ou determinada música. A coleção dessas atividades motoras e cognitivas envolvidas no processamento musical é chamada de função cerebral.

A música está estreitamente relacionada à linguagem, que é o instrumento de trabalho do psicólogo. Pois é a linguagem que constitui o sujeito, que o define

enquanto humano, é o que distingue os animais. Conseqüentemente a música também faz parte da definição da humanidade, já que toda língua tem uma musicalidade que lhe é própria. Ela aborda propriedades singulares de objetos sonoro-musical, cujo compreendem de certo modo movimentando o ser humano desde o início.

Tem sido um importante instrumento, seja como uma ferramenta na educação infantil, um recurso para o relaxamento, um auxílio para exercício de meditação, ou até mesmo uma contribuição no tratamento de doenças degenerativas. Está presente desde o ventre, e mesmo assim é difícil defini-la. Podendo ser retratada objetivamente ou será sempre fruto da percepção humana que se desenvolve no tempo através da produção de sons.

Portanto, de maneira geral, é possível dizer que a música permeia o inconsciente individual e coletivo das pessoas. Além da herança histórica e cultural, cada pessoa apresenta, em sua história de vida, uma experiência subjetiva com a música. A relação de cada indivíduo com a música é única. Em diferentes ambientes onde se utiliza música, encontra-se o da saúde. Seu uso é percebido de várias maneiras, desde a música de fundo usada em um consultório médico, a música usada por musicoterapeutas como terapia, bem como um recurso terapêutico. Conforme mostrado nesta pesquisa, embora vários profissionais compartilhem do uso da música para fins terapêuticos, são bastante diferentes entre si.

Neste estudo, identificamos algumas características dos profissionais de saúde que utilizam a música para fins terapêuticos. De modo geral, esses profissionais costumam utilizar a música em seus procedimentos clínicos, a maior parte do tempo, o elemento musical prioritário é o ritmo

A música não deve ser usada como uma farmacopeia musical. Não deve haver folhetos de instrução musical, como se o efeito produzido em uma pessoa fosse necessariamente o mesmo em outra, visto que cada pessoa vivencia uma experiência individual e subjetiva diferente com a música.

Depois de concluir este trabalho, os sentimentos são de felicidade e realização por serem alcançados os objetivos iniciais e superar com sucesso os desafios encontrados ao longo da pesquisa, por um caminho pouco percorrido estabelecendo interconexões entre áreas do conhecimento. Portanto, espera-se que este estudo leve outros pesquisadores a investigar as mais diversas maneiras que existem na música como contribuição no contexto da psicologia, especialmente na clínica gestáltica,

sendo assim, para ampliar o conhecimento da música neste assunto extremamente relevante.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. Ato artístico e ato psicoterápico como Experimentação: diálogos entre a fenomenologia de Merleau-Ponty, a arte de Lygia Clark e a Gestalt-Terapia. 2007.

ANDRÉS, Maria Helena. Vivência e arte. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1966.

ASHTON, P. W. Music, mind, and psyche. In: ASHTON, P.; BLOCH, S. (Ed.). Music and psyche: contemporary psychoanalytic explorations. New Orleans: Spring, 2010. cap. 8, p. 121-42.

BARBOSA, R. In: D'Acri, G.; Lima, P.; Orgler, S. (Org.) Dicionário de Gestalt-terapia – Gestaltês. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes; SANTOS, Marco Antonio Carvalho. A natureza polissêmica da música e a musicoterapia. In: Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano I. Número 2. Rio de Janeiro: UBAM, 1996. p.5-18.

BENZOM, Rolando. Teoria da musicoterapia. São Paulo:Summus, 1988

BORCHGREVINK, H.M. O Cérebro por trás do potencial terapêutico da música In: RUUD, E. (org.): Música e Saúde. São Paulo: Summus, 1991. p. 57-86.

COSTA, Clarice Moura. O despertar para o outro: musicoterapia. São Paulo: Summus, 1989.

DAMÁSIO, António R. O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento em si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DA MÚSICA, História Geral; BENNETT, Roy. Uma breve história da música. Cadernos de Música da Universidade de Cambridge. RJ: Jorge Zahar Ed, 1986.

EXPLICANDO - Música. (Temporada 1, ep 1) Série original Netflix. Joe Posner. Netflix, 2019, 19 min. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 17 julh. 2020.

FALCÓN, Jorge Alberto. Quatro critérios para a análise musical baseada na percepção auditiva. Dissertação (Mestrado). Departamento de Artes, Universidade Federal do Paraná, 2011.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GREGORI, Maria Lúcia P. Música e Yoga: transformando a sua vida. Rio de Janeiro: D.P.&A., 1997.

- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEINIG, Clotilde Espínola. Tratado de Musicoterapia. São Paulo: Sobral Editora Técnica Artesgráficas LTDA, 1977.
- GROF, Stanislav. **A aventura da autodescoberta**. Grupo Editorial Summus, 1997.
- MARCONDES, J. O que é música? Souza Lima Blog, São Paulo, 10 de janeiro de 2019.
- McCLELLAN, Randall. O poder terapêutico da música. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Siciliano, 1994.
- MOURA COSTA, Clarice Moura. O despertar para o outro. São Paulo: Summus Editorial, 1989.
- MONRO, David Binning. The Modes of Ancient Greek Music. London: Oxford University Press Warehouse, (ebook disponibilizado online em) 2012.
- MILLER, Michael Vincent. Notes on art and symptoms. **The Gestalt Journal**, v. 3, n. 1, p. 86-98, 1980.
- MÚSICA. In: DICIONÁRIO Oxford Languages Online. 2021. Disponível em: <https://languages.oup.com/products/oxford-wordlists/>
- MUSZKAT, M. CORREIA, C. M. F. e CAMPOS, S. M. Música e Neurociências. **Revista Neurociências**, 8(2): 70-75, 2000.
- OAKLANDER, Violet. Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. 13ª ed. São Paulo: Summus, 1980.
- PERLS, L. (1992). Living at the boundary. New York: The Gestalt Journal Press.
- PIMENTEL, Carlos Eduardo; GOUVEIA, Valdíney; VASCONCELOS, Tatiana Cristina. Preferência musical, atitudes e comportamentos anti-sociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional. In: Estudos de Psicologia. 22(4). outubro/dezembro. Campinas, 2005. p. 403-414.
- PIZZANI, L. et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, p. 53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28. Acesso em: 12 fev. 2021.
- POCH BLASCO, Serafina Poch. Compendio de Musicoterapia. Volumen I. Barcelona: Empresa Editorial Herder S.A., 1999.
- PORTUGAL, Tales Pimentel; CORRÊA, Antenor Ferreira. O conceito de ethos na música da Antiguidade Clássica grega. **Orfeu**, v. 2, n. 1, p. 203-225, 2017.
- Ribeiro, J. P. (2007a). A resistência olha a resistência. Psicologia: Teoria e

Pesquisa, 23(spe), 73-78.

QUEIROZ, J. Pereira de. Aspectos da Musicalidade e da Música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica. São Paulo: Apontamentos Editora, 2003.

SACKS, Oliver. Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Editora Companhia das Letras, 2010.

SEKEFF, Maria de Lourdes. Da música, seus usos e recursos. 2 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SEKEFF, M. L. Música, estética de subjetivação: tema com variações. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA JÚNIOR, José Davison da; SÁ, Leomara Craveiro de; BACHION, Maria Márcia. Interfaces entre musicoterapia e bioética. 2009.

TAVARES, Leandro A. Todesqui. **Psicanálise e Musicalidades: Sublimação, Invocações, Laço Social**. Editora Unifesp, 2002.

TODRES, I David. Música é remédio para o coração. In: Jornal de Pediatria. Vol. 82. Nº 3. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2006. p. 166-168.

WISNIK, J. M. O Som e o Sentido: Uma Outra História das Músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZINKER, J. O Processo Criativo em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

ANEXOS



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Stéfany Cristine Silva Araújo

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 11.10.2021

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **6,8%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet 

Suspeitas confirmadas: **1,55%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados 

Texto analisado: **94,02%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.7.1
segunda-feira, 11 de outubro de 2021 17:24

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **STÉFANY CRISTINE SILVA ARAÚJO**, n. de matrícula **30322**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 6,8%, devendo a aluna fazer as correções necessárias.

Herta Maria de Açuena do N. Soeiro

HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO

Bibliotecária CRB 1114/11

Biblioteca Júlio Bordignon

Faculdade de Educação e Meio Ambiente